

## **ANTROPOGEOGRAFIA: ECOLOGIA, CULTURA E EUROPEIZAÇÃO**

*Nilson Cortez Crocia de Barros<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Prof. Titular. Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciências Geográficas, Email: nccrocia@ufpe.br

Artigo recebido em 07/11/2012 e aceito em 23/11/2012

### **RESUMO**

O trabalho examina a formação moderna da Geografia no momento da sua institucionalização. São explorada as relações entre as idéias de cultura, de progresso e regionalização. Atenção especial é dedicada às relações mútuas entre Geografia, biologia e antropologia.

**Palavras-chave:** antropologia, geografia, cultura.

### **ANTHROPOGEOGRAPHY: ECOLOGY, CULTURE AND EUROPEIZATION**

#### **ABSTRACT**

The paper analyses the first steps of modern geography at its institutionalization moment. It explores the influences of the ideas of culture, progress and regionalization in this moment. Special attention is paid to the mutual influence between Geography, biology and anthropology.

**Keywords:** anthropology, geography, culture.

### **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, parte substancial dos esforços para recontar episódios da História da Geografia têm se realizado dentro do que se chama *estudos culturais*. Entre várias outras coisas, isto quer dizer que os estímulos para empreender tais esforços, assim como os resultados que podem ser obtidos, não partem de, ou são dirigidos, exclusivamente a uma audiência interna à disciplina. Há mesmo exemplos de geógrafos que consideram tal estilo de

historiografia inútil ao progresso da Geografia (BARROS, 2006a). Mas, controvérsias provisoriamente suspensas, difícil não aceitar que a historiografia recente ajuda a esclarecer de forma aguda e compreensiva a maneira como temos pensado e praticado a disciplina.

É fato reconhecido que a concepção antropogeográfica de Frederico Ratzel (1844-1904) foi decisiva na construção da face moderna da Geografia, face mediante a qual se operou a institucionalização deste ramo do saber ao final do século XIX no mundo germânico, institucionalização que

se propagou pela Europa e Américas. Enquanto ao final do século XIX e começos do século XX, e antes, uns chegavam à Geografia trazendo consigo as marcas de uma experiência universitária no campo das humanidades (história, clássicos, direito), a exemplo de Delgado de Carvalho (BARROS, 2008) na França, outros traziam consigo uma exposição ao campo das ciências físicas e biológicas. Frederico Ratzel aproxima-se da Geografia “*vindo das ciências naturais, orientado e com o novo ânimo conferido pela doutrina da evolução*” (SAUER, 1971, p.245).

Ratzel recebeu o seu treinamento universitário em biologia. Aos 29 anos, sendo já um jornalista ambiental reconhecido e tendo viajado extensivamente pela Europa, ele inicia um longo périplo pelos EUA e México (1873/5) a serviço e financiado pelo jornal para o qual trabalhava. A direção do periódico deixou-o livre quanto ao que escrever sobre, e assim deixado livre aconteceu-lhe de impressionar-se com as massivas migrações da espécie humana para o Novo Continente, especialmente com a presença dos imigrantes chineses na costa oeste dos EUA.

O interesse o levou a escrever e publicar, em 1876, um trabalho sobre o tema, tornado sua tese de doutoramento (habilitação) ao ensino superior (SAUER, 1971, p.250). Mas Ratzel voltou também

sua atenção para a presença das populações de origem africana nas plantações de açúcar e algodão ao sul dos EUA, assim como refletiu acerca da influência exercida pelos imigrantes germânicos na região do Meio-Oeste. É a partir de então que as *migrações* dos povos com suas diferenças culturais, e os decorrentes esforços das suas *adaptações* aos novos *meios geográficos* de destino, passaram a exercer um papel central na Antropogeografia ou Geografia Cultural que Ratzel construirá ao longo da sua carreira acadêmica (cátedras universitárias de Geografia na U. de Munique, 1875-1886, e na U. de Leipzig, 1886-1904).

## EVOLUÇÃO E REGIONALIZAÇÃO

O evolucionismo (progresso) é uma meganarrativa que costurou – tentou harmonizar – a abundância dos registros dos fatos naturais e culturais que a expansão europeia pelo mundo produziu (BURY, 1932). Porém, não obstante esta prestigiosa narrativa moderna se ache profundamente impregnada nos temas, práticas e produtos da Geografia que se consolidou a partir do fim do século 19, o específico episódio da fixação deste modelo cultural e ecológico na disciplina – e que se ancora naquela narrativa – não é ele um evento explorado suficientemente pela historiografia da disciplina.

Sugere-se aqui que uma das razões para este problema – sem prejuízo das outras razões existentes – seja que as íntimas interações ou fertilizações existentes entre a antropologia, a biologia e a Geografia acontecidas no mundo germânico ao fim do século 19, circunstâncias das quais emergiu o modelo referido para a Geografia associado ao nome de Ratzel, e também de La Blache, não sejam hoje – em função dos caminhos interdisciplinares principais tomados posteriormente pela Geografia a partir dos meados do século 20 - interações de fácil entendimento.

Determinada *área* ou *região cultural*, poder-se-ia perguntar, seria ela uma modalidade – ou espécie – de fragmento da superfície da Terra diferenciada de outra(s) por processos de regionalização (ou diferenciação espacial) comandados pela cultura em difusão pelo espaço? Ou, opostamente, a diferenciação das espécies de *região* ou *tipos de área* seria controlada pelo sistema biofísico (Barros, 2006b)? O que, afinal – numa pergunta binária bem ao estilo da época – controlava a regionalização ou diferenciação espacial? Ratzel e outros, naturalmente, oscilam entre as explicações.

A *hipótese difusionista* advogada por Ratzel diante de questões deste tipo parece ter sido particularmente induzida pela sua viagem à América. Este continente era um além-mar muito especial em função das

condições do verdadeiro turbilhão que se desencadeava no seu *espaço geográfico*, turbilhão derivado da colonização em massa, da imigração volumosa e culturalmente variada, da urbanização e industrialização aceleradas e do estrondoso *progresso*. E, sobretudo, por evidenciar a imensa capacidade de *adaptação* humana aos novos *meios geográficos* (RATZEL, 1988).

Daí emerge a sua reflexão geral sobre o que poderia acontecer em termos de diferenciação (especialização, *regionalização*) – isto é, da formação de uma nova *região cultural*, de um novo povo – num meio para onde convergiam massas de imigrantes de diferentes origens culturais. As inúmeras cidades que nasciam e cresciam, a industrialização que avançava, a agricultura moderna que prosperava, os meios de transporte e comunicação que se espalhavam por todos os lugares e os conectava, tudo isto estaria criando uma nova *zona* ou *região cultural* num mundo humano que antes era primitivo. Do progresso decorreria a *diferenciação* ou a *mudança espacial* em partes do espaço geográfico, isto é, o *progresso* produzia *regiões*.

## A ANTROPOGEOGRAFIA E SEU SUPORTE INTERDISCIPLINAR

De fato a Geografia havia experimentado certa decadência de prestígio como disciplina nas décadas após a morte de Ritter e Humboldt (1859). Contudo, nos ramos sistemáticos da ciência a situação era precisamente o inverso, a exemplo da biologia e da antropologia (KRETSCHNER, 1930, p.188). Na zoologia medravam com sucesso as idéias da evolução e da ecologia. Estas idéias e propostas foram trazidas para a Geografia por Ratzel, e por ele associadas à investigação antropológica.

As discussões raciais e sobre a temática da evolução na antropologia e na biologia haviam se tornado muito importantes depois da publicação, em 1859, da *Origem das Espécies*, por Darwin (1962); a ecologia dava seus primeiros passos com Haeckel e etnógrafos viajavam o mundo na busca dos materiais para tipologizar, evolucionariamente, os grupos raciais e culturais. Ou, simplesmente, para classificá-los em tipos diferentes. Este era precisamente o ambiente cultural e científico no qual se realiza a institucionalização da Geografia, institucionalização na qual Ratzel foi um líder. Serão estas influências interdisciplinares – na opinião de Stoddart (1966), Claval(1974), Sauer (1971, p.245) e tantos outros – decisivas na definição do

pensamento antropogeográfico de Frederico Ratzel.

Vindo da zoologia, Ratzel ofereceu à Geografia, a partir da combinação dos conceitos e métodos da zoologia e da antropologia, uma estrutura interpretativa secular e positiva da experiência cultural humana em suas relações com o *espaço geográfico*, atualizando modernamente a tradição holística da disciplina. A proposta ratzeliana é uma resposta à seguinte pergunta: quais as razões das mudanças nos padrões culturais do *espaço geográfico*. É uma teoria do *progresso* de inspiração geográfica que nos ajuda a compreender, de forma ampla, as experiências de *modernização* espalhadas pelo mundo e conduzidas pelos imperialismos industriais.

No difusionismo de Ratzel são identificados com clareza ecos das idéias de progresso encontradas em Carl Ritter, especialmente aquelas contidas na proposta geográfico-matemática das possibilidades ou chances históricas dos povos. Segundo Ritter (1974), a massa continental que dispusesse do maior número de pontos de interação espacial com outras massas continentais ocuparia a posição mais elevada na escala das chances dos destinos dos povos; ou seja, as chances de difusão seriam a chave do destino, o fio da história da mudança cultural no espaço.

## AS VARIAÇÕES DAS ESPÉCIES, A REGIÃO COMO ESPÉCIE E A REGIONALIZAÇÃO

O problema em torno do qual giravam as discussões entre os naturalistas era o de identificar qual seria(m) o(s) motor(es) causadores das diferenciações ou especiações zoológicas. Não é surpresa, então, em decorrência da sua formação, que Ratzel tenha fertilizado as discussões geográficas procurando identificar os mecanismos de diferenciação das regiões culturais, deste modo edificando sua antropogeografia.

Ratzel inspira-se neste contexto de idéias (biologia evolucionista/ecologia) para propor a investigação das influências do *meio geográfico* sobre as experiências de diferenciação ou evolução cultural e histórica dos povos, e refletir sobre as possibilidades culturais humanas de mudança. Pontes, canais de drenagem, telégrafos, cidades, eram *mecanismos de adaptação* aos *meios geográficos* e poderiam produzir mudanças espaciais, deste modo criando, ou *produzindo* como gostam de dizer os historicistas, novas regiões (*regionalização como processo*).

O papel de Moritz Wagner na criação científica de Ratzel foi além da influência que lhe proporcionou o primeiro emprego na carreira docente, no ano de

1875. Wagner estava envolvido intensamente, e de maneira muito polêmica, nas discussões relativas aos mecanismos de especiação, isto é, aqueles mecanismos hipotetizados mediante os quais se operaria a diferenciação das espécies (SULLOWAY, 1979, p.56). O conhecimento destas discussões, que Ratzel como zoologista de formação e por ser pessoa muito próxima a Wagner estava perfeitamente a par, levaram-no a transpor o conceito da migração zoológica para “*o de difusão e diferenciação de culturas e de traços culturais*” (SAUER, 1971, p.246), efetivamente sua contribuição para erigir a Geografia como campo disciplinar da interpretação da diferenciação dos padrões e da dinâmica cultural das áreas ou regiões ou paisagens.

## O QUE DIFERENCIAVA UMA ÁREA OU REGIÃO CULTURAL?

Através da pesquisa etnográfica – dos artefatos e registro dos costumes – é que se estabelecia a posição (o padrão) de cada grupo social vivo ou extinto na classificação evolutiva geral da espécie humana. Esta classificação ou tipologia temporal era uma escada ascendente, no ápice da qual estaria a civilização européia urbana-industrial, em plena difusão imperial. A *primeira pergunta antropogeográfica* era: de que maneira os

artefatos e costumes culturais – os artefatos de trabalho, as armas da guerra e da caça, as habitações, os meios de transporte e comunicação, os utensílios em geral e os materiais empregados na sua confecção, os padrões alimentares, as crenças, os comportamentos migratórios, políticos, os sonhos, etc – expressavam os *meios geográficos* de onde haviam sido coletados ou observados?

A *segunda pergunta antropogeográfica* seria: de que maneira estes artefatos também expressavam, por outro lado, as chances dos contactos interculturais tidos por estes povos nas suas experiências históricas? Teriam certos povos estado dentro dos limites do *alcance* difusional do *core* de determinada *zona* ou *região cultural*?

Ratzel foi um exemplo de destaque ao propor uma via geográfica ou terrestre ou territorial para as interpretações das diferenças na evolução e nos padrões (tipos) culturais dos povos. Sua contribuição interpretativa, mediante a idéia das *difusões geográficas* como o *mecanismo das diferenciações* ou *variabilidades dos padrões culturais* no *espaço geográfico*, é uma das mais importantes colunas teóricas da Geografia, e tornou Ratzel reconhecido na história da antropologia.

As diferenciações culturais no *espaço geográfico*, para Ratzel, não seriam

propriamente produzidas pela ação do determinismo rude das condições geográficas biofísicas do lugar (*in situ*) sobre a cultura. Para ele, o princípio da difusão possuía ascendência explicativa sobre o princípio das invenções paralelas da inovação e mudança cultural (SAUER, 1952, p.21). Isto é, meios geográficos iguais não produziam necessariamente os mesmos padrões culturais.

Ratzel viveu num ambiente profissional em que a interação entre a Geografia e a antropologia eram intensas, um padrão de vizinhança interdisciplinar diferente do que viria a acontecer a partir dos meados da segunda metade do século XX, com as Geografias econômicas aplicadas ao planejamento do desenvolvimento características do contexto da Guerra Fria. Franz Boas (1858-1942), por exemplo, o célebre antropólogo cultural, sentiu-se “em casa” para expressar suas opiniões sobre o que entendia por Geografia no célebre artigo intitulado *The Study of Geography* (BOAS, 1996), e Koch-Grunberg mostra a intimidade existente entre as disciplinas nas páginas de *Del Roraima al Orinoco*, trabalho produzido nos primeiros anos do século XX. Ratzel, como outros dos seus contemporâneos, acreditava que a capacidade de invenção humana era realmente muito limitada, e que por isto a

evolução ou progresso dos grupos sociais advinha das difusões a partir de uns poucos centros culturais difusores (MORÁN, 1990, p.50,51).

O meio biofísico exercia, sim, influência, mas na medida em que os seus elementos (rios, oceanos, montanhas, florestas, ventos, etc) favoreciam ou dificultavam as possibilidades dos contactos difusores dos traços culturais entre as populações distribuídas no *espaço geográfico*. A crítica da antropogeografia de Ratzel à idéia das invenções paralelas em sítios diferentes como mecanismo das mudanças representou, certamente, uma corrosão à idéia simples da evolução por sucessão dos estágios de cultura (SAUER, 1952, p.20).

As propostas internalistas de interpretação do progresso e da diferenciação cultural divergiam da proposta de Ratzel. É o caso de Gobineau, nos meados do século 19, considerando a raça – agente biológico interno – o determinante das diferenciações culturais, de maneira que não obstante em um meio ambiente muito favorável, a determinação interna (racial) prevaleceria nas possibilidades evolutivas culturais de um grupo populacional. Para ele, a maioria das raças não ascenderia ao estágio da civilização.

Na sua *Antropogeografia*, Ratzel critica duramente a teoria do gene de

Gobineau que tentava explicar a decadência de povos localizados na plena fartura provida por excelente meio natural (*RATZEL: coletânea...p.45*). Para Ratzel, o foco das explicações das variações nos padrões culturais era o espaço, a terra, o meio, o teatro da história, e particularmente os empréstimos de características culturais mediante as difusões/migrações neste espaço, não o interior biológico do homem (gene).

## CONCLUSÕES

As civilizações mais desenvolvidas (*core*) poderiam muito bem propagar-se, se espalhar pelo mundo, segundo a visão do difusionismo de Ratzel. Então, a sua teoria de progresso possuía caráter inclusivo, como as religiões de império. A teoria difusionista fornecia uma base racional de natureza otimista à enorme emigração da Europa para a América, emigração em grande parte decorrência da *transição demográfica* que se operava no continente europeu.

As circunstâncias mais importantes para a fixação do caráter dos povos e das suas possibilidades culturais evolutivas – e isto era uma questão essencialmente eurocêntrica, isto é, projetada sobre o mundo a partir do sítio cultural europeu – eram o *meio geográfico* e a *adaptabilidade* a este *meio* demonstrada pelo estoque da

população. Estas experiências adaptativas poderiam ser adquiridas e transmitidas (aprendidas) no curso da evolução histórica, e não estariam elas de forma alguma genética ou racialmente determinadas, como argumentava Gobineau, ou definidas para sempre pelas puras condições do meio como pensavam os deterministas rudes. Então, o imigrante europeu carregaria para a América as técnicas que o adaptariam ao novo *meio*, e os nativos da América poderiam, por sua vez, assimilar estas técnicas.

Partindo das idéias de diferenciação na biologia, Ratzel posicionou a Geografia no campo das discussões sobre a dinâmica dos padrões culturais das sociedades no contexto da expansão demográfica, econômica e política européia pelo mundo. A Geografia trabalharia suas interpretações a partir dos fatores externos desta dinâmica (*Antropogeografia*, in *RATZEL: coletânea...* p.42,54 e outras; LIVINGSTONE, 1992, pp.196-202) para entender as variações culturais e demográficas (*regiões culturais* como tipos de especiações), e esta proposta significava uma via alternativa às explicações raciais/genéticas, e também ao determinismo físico das condições *in situ*.

Os novos *meios* ou lugares para onde estavam indo ou poderiam ir massas e massas de imigrantes advindas de diferentes origens, os mecanismos de

adaptabilidade a estes *meios*, a urbanização acelerada – esta vista como o pico da civilização –, estes temas ocuparam posição central nas reflexões culturais de Ratzel e encontram-se registrados com clareza e informalidade no que escreveu da sua viagem aos Estados Unidos da América (RATZEL, 1988). Ecologia humana é termo polissêmico e, assim posto, a ecologia humana de Ratzel é uma variedade da mesma pela qual se afirma que as *inovações* e suas *difusões* podem domesticar a natureza, produzir novas *regionalizações culturais* e *modernizar* os povos de todo o mundo.

## REFERÊNCIAS

AGNEW, J.; LIVINGSTONE, D. & ROGERS, A . ed. Human Geography: an essential anthology. London: Blackwell Publishers, 1996..

BARROS, N. C. de . A historiografia da Geografia e suas controvérsias: apreciação de um debate. Revista Geográfica de Instituto Panamericano de Geografia e História, n. 139, pp. 83-102, México, Ipgh, 2006a.

BARROS, N. C. de Especiação, Região, Progresso e Política Cultural na Antropogeografia de Frederico Ratzel. Geografia 31(3): 455-467, Rio Claro, Ageteo/Unesp, 2006b.

BARROS, N. C. de. Delgado de Carvalho e a Geografia no Brasil como arte da Educação Liberal. Estudos Avançados 62, pp.317-334, São Paulo, Iea/Usp,2008.



- BOAS, F. . The Study of Geography. In: AGNEW, L.; LIVINGSTONE, D.; ROGERS, A. ed. Human Geography..., op.cit, pp. 173-180, 1996 (originalmente publicado em 1887).
- BURY, J. The ideia of progress. New York, MacMillan/Dover, 1932.
- CLAVAL, P. Evolución de la Geografía Humana. Barcelona, Oikos-tau, 1974.
- DARWIN, C. The origin of Species by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life. London, Collier Books, 1962.
- KRETSCHNER, K. História da Geografia. Barcelona, Labor, 1930 (trad.da ed. alemã por L. Echeverría).
- LIVINGSTONE, D. The Geographical Tradition. London, Blackwell, 1992.
- MORÁN, E. Ecologia humana das populações da Amazônia. Petrópolis, Vozes, 1990.
- RATZEL: coletânea. Introdução e organização por A. C. R. de Moraes. São Paulo, Ática, 1990.
- RATZEL, F. Sketches of Urban and Cultural Life in North America. New Brunswick, Rutgers University Press, 1988. (tradução para o inglês por S. Stehlin; originalmente publicado em 1876).
- RITTER, C. Introducción à la Géographie Generale Comparée. Cahiers de Géographie de Besançon n. spéciale 22, França, 1974 (originalmente publicado em 1852; tradução de Danielle Nicolas-Obadia).
- SAUER, C. Agricultural Origins and Dispersals. Massachusetts, MIT, 1952.
- SAUER, C. The formative years of Ratzel in the United States. Annals of The Association of American Geographers v. 61, n.2, p. 245-254, 1971.
- STODDART, D. Darwin's impact on Geography. Annals of The Association of American Geographers v. 56, p. 683-689, 1966.
- SULLOWAY, F. Geographic isolation in Darwin's thinking. Studies in The History of Biology 3, p.23-65, 1979.